



O Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 7 de Julho de 1984 * Ano XLI — N.º 1052 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A EDUCAÇÃO DO HOMEM

Em recente encontro, um responsável pela qualidade do leite naquela região falou-me de uma visita sua a um país escandinavo e da conversa havida com um oficial do mesmo officio sobre critérios de avaliação do produto. Não se faz por lá qualquer teste à introdução de água; e o nosso compatriota aventou essa hipótese. A resposta do seu interlocutor foi um «Como?!...» tão expressivo de coisa impossível que isso significava para si, que o nosso técnico, dando-se conta da saída infeliz, procurou remediá-la sublinhando o carácter de hipótese mesmo que absurda.

Ficou-me este relato anedótico e tenho-o remoldado qual pequena parábola do nosso jeito português. Parece haver em nós nos 365 dias do ano aquele gozo lúdico reservado ao «dia dos enganados». Iludir a lei, «levar» o parceiro, tem-

perar o jogo com uma pitada de batota são coisas muito do nosso gosto, que embora não desdiguem do nosso bom coração, afectam um pouco o nosso carácter e prejudicam bastante as nossas relações.

Porque, afinal, misturar água no leite — para quê?! Compensará o que se ganha em quantidade o que se perde em qualidade?... E a cotação do produtor será uma menor valia?!

Mas isto é apenas uma pequena parábola que se repete tantas vezes em outros campos de actividade e nos rouba crédito lá fora e nos torna, cá dentro, um Povo de desconfiados. E faz-me pensar que uma débil formação cívica está na base de muitos dos nossos problemas nacionais e que passa por ela, por essa formação a sério, uma garantia forte do nosso ressurgimento.

Somos gente de bom coração, já disse; mas temos um fraco sentido dos Outros e dos valores que a todos pertencem. Numa catástrofe, perante um acontecimento desastroso, mesmo privado, que sensibiliza a boa índole do nosso Povo, é ver a mobilização de generosidades que logo se estabelece. Mas sustentar esta tensão como dinâmica de regime, como dever de todo o cidadão, proporcionado às suas possibilidades próprias e ao nível da sua responsabilidade social — isso é que já é raro.

Nem mesmo o nosso ser genérico de Povo cristão se manifesta eficazmente neste sentido do Bem-comum, nesta opção por ele como fonte de um bem privado com menos cumes e menos depressões, exactamente porque melhor distribuído.

Caridade é uma palavra mal recebida por muitos e com uma certa razão porque equívocamente concebida e consequentemente mal vivida por outros muitos que teriam obrigação de ser mais exactos no seu conhecimento e na sua vivência. A Caridade como manifestação eventual é, na verdade, uma caricatura prestável ao ridículo. Para o cristão, Ela é um hábito inseparavelmente unido ao da Justiça. Deve funcionar como motivação sobre-natural à procura nunca acabada de um estado mais perfeito de Justiça e um acinte de vigilância perene que não deixe adormecer sobre as conquistas conseguidas. Porque Ela é também um limite! É a perfeição da Justiça. E embora bem sabendo que a coincidência das duas realidades — tarefa incessante a prosseguir, tendência de que o cristão jamais pode demitir-se — não tem neste mundo a sua meta, nem por isso deixa de ser o projecto que Cristo nos trouxe, o mandato que nos deixou no Evangelho: «Procurai o Reino de Deus e a Sua Justiça que tudo o mais virá por acréscimo».

Se Jesus nos deu esta palavra de ordem, é possível a sua realização progressiva. E ao longo da História nós conhecemos os Heróis que acreditaram e deram as suas vidas a esta



Dantes não sorriam! Eram «lirio das ruas»... Agora, sim, porque filhos da Casa do Gaiato de Lisboa — em Santo Antão do Tojal (Loures).

realização. Não é por artificio que um Francisco de Assis, um Vicente de Paulo, um Cotolengo, Carlos Foucauld e tantos outros..., são polos atractivos de admiração e de veneração que o tempo não desgasta. As alturas para que estes Discípulos nos apontam no seguimento do Mestre, são tão possíveis como o domínio material do Espaço. Só que a elas se não sobe pela força de foguetões, mas pela intrepidez do espírito. E para chegar lá é necessário começar pelo princípio: a educação do homem desde o berço à tumba, edu-

cação que o habilite a defender-se de um individualismo fe-roz sempre a querer sobrenadar, o qual nos enfraquece o sentido dos Outros e torna tão penosa que chega a julgar-se utópica a consecução da Justiça. Sem a dinamização da Caridade, sim, nunca lá se chegará. Mas estimemos também e salvaguardemos a educação cívica que a Família, a Escola e a Sociedade em geral devem — Instituições que, por desgraça de todos, parecem tão pouco solúveis para o pagamento desta dívida.

Padre Carlos

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO 4.º volume do PÃO DOS POBRES.

O GAIATO, pequenino, discreto, é espelho d'almas. «Eu pretendo pôr toda a minha alma nas regras d'O GAIATO» — acentua Pai Américo. E define concretamente: «Não aceitar anúncios; não falar de guerras; não dar notícias do estrangeiro; não atacar ninguém. Dizer somente o que é, como é — e basta! A maneira mais eficaz de pregar o amor de Deus é acudir às feridas do Próximo. Não há que sair deste caminho!»

O nosso caminho! O objectivo da Obra da Rua. Somos voz dos sem-voz; e, logicamente, centro de partilha permanente — expressa nas ressonâncias dos nossos Leitores, agora sobre o lançamento do 4.º volume do PÃO DOS POBRES. Trazem Fogo de Paz! A precissão vai no adro, que o livro ainda não chegou à mão de todos os Assinantes da nossa Editorial. Mas os

Cont. na 3.º pág.

Agora

Foi lavadouro público. Já não tem torneiras. A água ressuma do chão de cimento. Telha vã. No sítio das janelas, mantas esburacadas.

Ali vive uma família de treze em total promiscuidade. Os montes de roupa suja nos quatro cantos, dizem-nos que não é somente pobreza.

A aldeia onde esta família vegeta, é bonita: Belas casas, campanário, olmos e melros.

O presidente da Junta falou aos Serviços Sociais e à Câmara. Promessas.

Agora é Agora. Lá deixámos, em mãos honradas, algo com que pudessem iniciar uma cozinha modesta num terreno dado.

Graças ao presidente da Junta — tão interessado na ajuda e resolução dos problemas do povo — já começaram.

Nem sempre é muito vultosa a ajuda que damos aos Auto-construtores. É uma gota que com as ajudas dos amigos e familiares se vai juntar ao seu esforço num caminho comum. Comunidade e partilha.

Dar de mão beijada é quase sempre infrutífero. Figueira estéril. Sentimos sempre mais amor a tudo o que safu de nós próprios e foi gerado com amor.

«Aqui vai ser o quarto de meu filho. Aquele, o de minha mãe que já é muito velhinha. Vou plantar umas videiras para termos uvas nossas e sombra» — dizia-me, há dias, um pai. Até a própria sombra vai nascer carinhosamente!

Se todas as comunidades cristãs o fossem verdadeiramente em espírito e vida, não haveria casos de miséria.

Não assim.

Uma grande parte dos nossos campanários não dá qualquer sinal! São marcos adormecidos nos vales e encostas de lindas aldeias.

Quando eles forem sinais vivos do espírito do Senhor, não haverá nelas famílias em pardieiros ou lavadouros públicos.

E vamos, «Mãe que crê em

Cont. na 3.º pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — Estamos a uma jornada do fim do Torneio do F. C. Paço de Sousa. A anterior foi sem história... O Torneio estava ganho pela nossa equipa porque o adversário era um pouco mais fraco. Vencemos por 10-0, quase um golo para cada um dos nossos jogadores...!

EXCURSÕES — As visitas à nossa Aldeia crescem conforme o calor aumenta! Assim, muitas pessoas aproveitam o fim-de-semana para visitarem a nossa Obra. Os casais trazem os seus filhos que aproveitam para brincar no nosso parque ou dão uns toques na bola, no campo de futebol.

Há também excursões escolares, de catequese, e outras que nos visitam por já ser uma tradição; no entanto, muitas delas vêm até cá pela primeira vez e gostam de estar conosco.

FÉRIAS — Com o fim das aulas, entramos em férias e começam as praias. Mas, como somos muitos, temos que dividir a comunidade por quatro turnos.

Assim, quando sair esta edição, o primeiro já terá seguido para Azurara — e esperamos que tudo corra bem.

A nossa casa em Azurara (Vila do Conde) recebe, durante três meses, os nossos rapazes de Paço de Sousa e os de Beire (Paredes).

Temos um período de férias de 18 dias cada turno para gozarmos a praia da qual já temos saudades.

JOGOS — Em nossa Casa não há só futebol; também o berlinde e a macaca, embora este jogo não haja tido êxito. Já o mesmo não acontece com o berlinde que há mais de um ano é diário e aferroado!

Muitas vezes o nosso chefe-majoral tem que ralhar a alguns porque toca para a refeição e continuam a jogar! Dão problemas também aos chefes de mesa porque chegam tarde. Eles perguntam e a malta descarrega uma série de desculpas. Va-

mos apurar a verdade: É o jogo do berlinde!

Vamos a ver se tudo melhora um pouco mais neste aspecto e todos cumprem os horários, pois as horas de recreio dão muito tempo para jogar o berlinde...

José Carlos

APENAS UM

Tem dez anos.
É magro.
Vagueia pelas ruas da sua aldeia.
Busca o pão,
O leite.
Um dia entrou no comboio;
Fugiu do revisor.
Chegou ao Porto,
Com a tristeza na alma,
A fome no ventre,
As lágrimas no rosto:
É uma criança!
Sem tempo nem manhãs de sol,
O vento sacode-o.
As lembranças são muitas:
O pai, a mãe,
A escola que não conheceu...
Olha as montras,
Brinquedos lindos,
Alegria.
Tanques,
MX, CRUISE, SS20,
Uma alegria beligerante.
Bate de porta em porta,
Dorme no cansaço que o consome,
Na melancolia da vida.
Tem dez anos,
Vagueia pelas ruas do Porto.
Espreita os caixotes do lixo,
As portas que se não abrem.
O amor que não possuiu.
Ri;
Dentes cariados,
Face rasgada.
Na rua,
O dia-a-dia do portuense feliz!
Alimenta-se de ansiedade
E sofreguidão.
Olham-no;
Apelidam-no de tolo...
Ele ri, sem maldade.
Presente não o conhece.
Talvez a Casa do Gaiato...!

Morgado

CRÓNICA DO MOINHO Fontelo de S. Domingos

● Ao pensar neste lugar e nestes dias inesquecíveis que recordarei toda a vida, fico maravilhado!

Tudo à minha volta faz lembrar algo de formidável: A paisagem, a amplitude do lugar pelas vistas magníficas, pelos locais maravilhosos para merendar, pelo ar que se respira e também pela frescura que se goza, sem esquecer o espectáculo nocturno das pequenas luzes espalhadas pelas serras. Não há dúvida que este é um dos lugares mais belos de Portugal!

Porque de uma casa-abrigo se trata, pergunto:

— Porque razão não é mencionada no «Guia de Campismo»?...

Eis um local a justificar a frase publicitária: «Antes de ires para o estrangeiro vê o que é nosso primeiro».

Valdemar Manuel Gomes

● Estamos aqui, em Fontelo de S. Domingos, no concelho de Armamar. Estamos a gozar férias com o sr. Padre Carlos num moinho que a paróquia dispensa para ele descansar, todos os anos, no Verão.

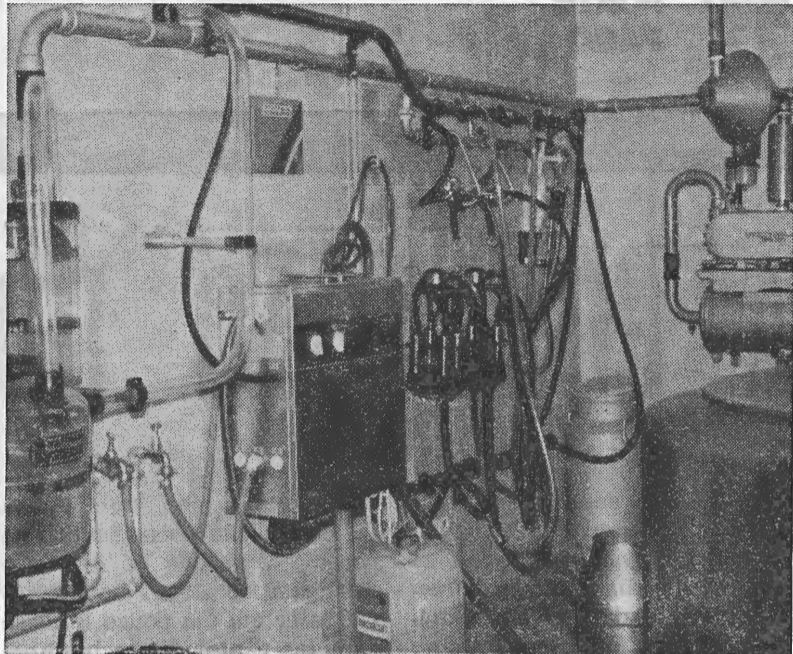
Este sítio tem a vista mais bonita que eu vi, na volta que já dei pelo Norte.

A população já está acostumada a ver por cá os gaiatos e já não estranha a nossa presença; pelo contrário, até gosta de nós e trata-nos muito bem.

Há, no monte, uma capela histórica — a de S. Domingos — e ainda outra mais pequena dedicada a Santa Catarina.

Nos anos transactos passaram por aqui outros rapazes, alguns já pais de família. Nos últimos anos um dos companheiros era filho de um deles, que este ano não veio por estar em exames. Mas aproveitando o feriado do Corpo de Deus, veio até nós passar o dia e matar saudades.

Estes dias passam muito depressa



As vacas holandesas não estranham o clima meridional e o pasto da nossa quinta multissecular, em Paço de Sousa. Brevemente, oferecerão cântaros e cântaros de leite para refazerem os corpos de dezenas de rapazes que foram sem-eira-nem-beira, alguns dos quais, por isso mesmo, jamais saborearam, inclusive, o leite das próprias mães! Por amor deles não podemos estagnar: alinhámos com a evolução tecnológica, e aí está a aparelhagem central de ordenha mecânica pronta a retomar a actividade normal.

e estão a chegar ao fim com muita pena nossa!...

Aproveitamos para agradecer a todos que nos mostraram a sua amizade pelos mimos que nos ofereceram.

Francisco Guerreiro

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O homem perdeu a cabeça. Anda por lá...

Ela ficou com os filhos, sem mais nada de ninguém — a não ser a permanente generosidade dos nossos leitores. Faz um esforço heróico para se manter de cabeça erguida. É uma mulher jovem... Rezamos por ela. Rezamos por ela! E continuemos a dar-lhe a mão. Sempre! Para criar os filhos. Ser uma mãe digna para bem dos seus, da sociedade — do País que somos.

Há que acudir à Família!

Não vale a pena dizer quanto encaminhamos para aquele lar. É tudo quanto for preciso — dentro das nossas limitações.

A mulher mantém o seu porte com dignidade. Limpa, arranjada, transparente mesmo a beleza da sua juventude, ainda que ensombrada pela cruz. Tem mais valor! E quem dera que todos os olhos leiam sempre por esta cartilha — do Evangelho!

Está nas vossas mãos. E continuará a ser e a viver, do ponto de vista material, consoante a vossa generosidade. Que Deus não faltará com a Sua Força para ela criar, com amor de mãe, todos os seus filhos.

PARTILHA — Para acudirmos a todos os problemas, vão aparecendo Amigos com o seu óbulo — tantos e tantos absolutamente anónimos! — que depositamos, com discreção, no domicílio dos Pobres.

Chega, do Minho, uma barcelense com 1.200\$00 — «ajuda muito pequena, mas muito do coração». Aqui está o valor! Incomensurável! A Força do coração, da alma, não tem medida — pertence à Eternidade.

Que dizer da presença regular de uma antiga Empregada doméstica — que serviu uma senhora durante a vida, até ao fim, com tremendo sacrifício! — e agora não esquece os Pobres que sofrem?! Aqui vai ela, muito discreta, embrulhada no seu lençinho, desde Vilares (Vila Franca das Naves).

Mais além, do continente africano — Durban (África do Sul) — «os habituais 10 randas para ajuda de quem tanto precisa». E um apelo: «Que Deus toque nos corações de quem tanto precisa, também...»

«Uma oferta anónima» do assinante 29593, de Lagos, dividida por vários sectores. Cumprimos o voto!

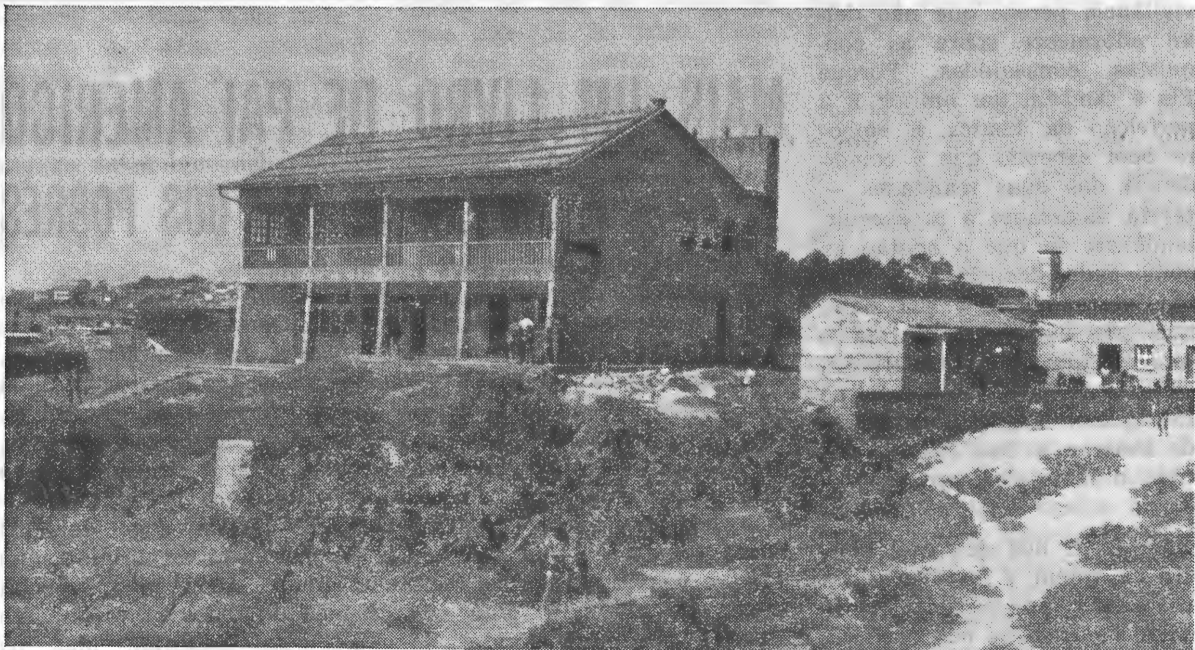
Mais 500\$00 do assinante 23618, de Lisboa. A remessa habitual do Fundão — com a Amizade de sempre! Idem, no que toca à assinante 19177, do Porto. Por fim, 3.000\$00 do assinante 16696, «que gostaria beneficiassem deles uma miséria premente». Voltámos a cumprir!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

AVISO aos Assinantes d'O GAIATO e da nossa Editorial

Quando os nossos Amigos abordarem, via postal, os serviços d'O GAIATO e da nossa Editorial, tenham a bondade de nos indicar, sempre, o vosso nome e o número da assinatura tais quais vão nos respectivos endereços do jornal ou da embalagem do livro. Muito obrigado.



A nossa casa da praia, em Azurara (Vila do Conde). Aqui retêmpera forças toda a comunidade de Paço de Sousa. Alguns deles só agora saboreiam o mar pela primeira vez. Jaziam no submundo da Miséria...!

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Cont. da 1.ª pág.

primeiros Leitores têm já a palavra. Começamos pela Lusa-Atenas, por Coimbra. Foi aí, nas décadas de 30 e 40 que Pai Américo tarimbou — como Padre da Rua — nas zonas mais degradadas da cidade e cuja acção transparece nos volumes desta colecção.

«Acabo de receber o 4.º volume do PÃO DOS POBRES. Muito obrigado.

(...) Substancialmente é a palavra de Pai Américo. O poeta, o prosador, o arauto da palavra rediviva do Evangelho.

Vai ser um dos nossos livros de cabeceira; tema de meditação; percurso das estações da Via-sacra; brado enunciador das Obras de Misericórdia; flama do Homem que, como tal, deve ser irmão dos homens para ser filho de Deus — irmão de Jesus Cristo.

Queria viver esta palavra tão bela e impressiva — lavrada pelo nosso Pai Américo! Peço a sua intercessão junto do Pai Celeste...

Temos outras vozes de Coimbra, queimadas no Fogo do PÃO DOS POBRES. São frutos da sementeira de Pai Américo. Ele que sem ouro nem prata, olhos na Miséria e espírito no Céu, ressuscitou tantos Pobres, promoveu-os ao lugar a que têm jus pelo direito dos povos, pelo Direito Divino, arrastando uma multidão anónima de homens de boa vontade que permanecia passiva — face aos gemidos dos que sofrem imerecidamente.

Mais Coimbra!

«O 4.º volume do PÃO DOS POBRES continua a ser o retrato vivo do grande Pai Américo. Traduz o seu espírito de Bem-Fazer, o seu grande amor por todos os que sofrem, na carne, a fome e sede de Justiça. Prova suficiente para fazer de Pai Américo, sem alardes, uma figura e um exemplo sempre crescentes.

Continuamos inseridos numa sociedade consumista, recheada de maldades no seu egoísmo e interesses pessoais desmedidos. Esquecemos quase

sempre que a vida terrena é «um punhado de areia que se escoia entre os dedos». A morte, apenas um sopro de vento.

De tudo o que praticamos, de algum modo ficam as raízes, consoante as boas e as más acções.

Nas banalidades do quotidiano, sufoca-me tudo o que é mesquinho no pensamento hu-



Cont. da 1.ª pág

Deus», dar início à nossa proclamação da Primavera, com esta novidade: A Viúva do Barredo a quem paga a renda mensal, reparou o seu quatinho e comprou duas camas, pois só tinha uma para ela e os filhos.

«Com fé em Deus na construção de um mundo mais igual e feliz para todos» — alguém de algures com cinco mil. Pelos campos fora, por entre giestas floridas, esta nossa proclamação.

Presentes nela, também: M. Pereira com dez mil, no Montepio Geral; Cecília, de Monte dos

mano: Indiferenças, faltas de solidariedade. O prazer de ser rico lança o vexame sobre a desgraça de ser pobre. Forças corrosivas.

Nunca poderá haver tréguas nesta luta! Resta-me o ânimo e a confiança em Deus para incentivarmos todos os homens de boa vontade, os corações frios e fechados numa chama acesa, inspirada na Obra de Pai Américo.»

Já temos em mãos os primeiros postais RSF (resposta sem franquia). Chegam em proclamação! São de novos Leitores d'O GAIATO, muitos deles desconhecendo as obras de Pai Américo. Outros, porém, já com volumes em estante ou na

mesinha de cabeceira, querem melhorar a biblioteca e requisitam mais títulos da nossa Editorial.

É um mundo de gente de todos os pontos do País!

O pequenino grupo destacado para servir as requisições não descansa! Todos os dias seguem livros para o correio! E nós rejubilamos com a tarefa, um tudo, nada complexa para a nossa vida, para as nossas limitações, que a obra é embalada pelos mais pequeninos — num abraço de Paz. Eles, nós, que seríamos «Lixo das ruas» não fosse Pai Américo — a Obra da Rua.

Júlio Mendes

Burgos, 2.500\$00; M. M. - A. L. com mais uma prestação de cinco mil; Anónimo, no Montepio, cinquenta mil; todos os meses, dos Amigos da Caixa Têxtil, a prestação habitual; Assinante 17062, dois mil; Hotel Imperial, de Aveiro, «migalhinhas» e muito carinho por nós. O assinante 14885, de Beja, vinte mil e um abraço de amizade. Uma «velha assinante» do Monte Estoril: «Um bocadinho atrasada mas cá estou presente graças a Deus». J. P. R., duas vezes 500\$00. «Casa louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo», vinte mil. De Alcobaca, dez mil «em me-

mória da avó S. Neves» que foi muito amiga de Pai Américo. Velha amiga com «uma pequena ajuda para a Autoconstrução». Presente o assinante 7736. O assinante 17022, de Santarém, com cinquenta mil e «sinto uma grande alegria em poder estar presente na proclamação». Assinante 48: «Mando nove mil para os Autoconstrutores a fim de ajudar alguém que esteja mais aflito para construir a sua casa». Amiga Carmen vem com uma valiosa ajuda e orações para que o Senhor mande sacerdotes e senhoras para a Obra da Rua. Que Ele a oiça! Assinante 113 vem, também, como sempre. Amiga de Monção com dez mil e muita amizade. M. Pinto: «Mando o meu subsídio de Natal para ajuda da Autoconstrução que muito me interessa e me causa enorme admiração». Fecha um Amigo de Ermesinde: «Sou assinante, há vários anos, do «Famoso», que leio de ponta a ponta e de um só fôlego; e porque se só me traz inquietação, vindo perturbar a minha vida, agitando águas paradas? Para que esta agitação seja salutar, aqui vão umas migalhinhas para a mesa dos mais necessitados do Património dos Pobres».

Esta a prova de que não tem medo das águas revoltas...

«O Senhor não veio trazer a paz, mas a espada.»

A luta continua contra o nosso egoísmo ajuda-nos a olhar os Outros como irmãos.

A paz podre faz-nos perder o sentido de Eternidade. «Agora», é a nossa guerra e luta pela Pátria Prometida.

Partilhando

O Victor veio por intermédio da Tutoria do Porto. Chegou à hora do almoço acompanhado também do pai que há meses o abandonara, mas hoje fazia questão de estar presente para dizer de sua justiça. Que o rapaz tinha pai e não era preciso vir para a nossa Casa. Que não o deixaria ficar. Como não ficou... À tardinha do mesmo dia, o Victor volta sem o pai, acompanhado pela senhora assistente social que tratou do processo. Agora, era ele, o Victor, a dizer que não queria ficar e fez que fugia e que chorava e outras fitas mais. Nada e ninguém o conformava! O Padre Telmo manda chamar o «Lourinho» para ir com ele ver os cavalos e os tourinhos.

Assim foi. Remédio simples! Voltaram da viagem, naquela tardinha escurecida por núvens cheias de chuva, alegres pelo que tinham visto e ouvido. O «Lourinho» ria-se por ele chamar «chicos» aos porcos e perguntar quantos anos tinham os nossos tourinhos nascidos há uma ou duas semanas. O Victor começou, desde então, a brincar e a sorrir e veio entregar-me, ontem, cem escudos que o pai lhe tinha dado. E o que ele gostaria que lhe comprássemos: bolachas de água e sal e rebuçados. Pois claro, coisinhas doces nunca amargaram... Vamos a elas Victor, e esquece as amarguras!

Padre Moura

Padre Telmo

Do que nós necessitamos

Ao abrir o grande sobrecrito onde guardamos as anotações do que nos dão, deparei com uma carta de um jovem com a seguinte legenda: «Vão 500\$00 para as férias dos vossos rapazes». Que bom a gente jovem preocupar-se com as férias de outros que as não teriam, se não viessem parar a nossa Casa! Este jovem não o diz, mas por certo gosta do trabalho — por compreender o trabalho em nossas Casas. E continua: «Fiquei contente por ver que aí todos trabalham segundo a sua idade, por isso é justo que tenham umas férias merecidas. Quem me dera ter mais para poder enviar mais».

Uma outra missiva reza assim: «Com a graça de Deus cá estou mais uma vez com a minha pequenina presença de 300\$00 e Ele me ajude para poder continuar. É pouco, mas com muito amor da assinante já muito antiga do Estoril».

De Oeiras chegam 1.000\$00 para minorarmos algum sofrimento de alguém que precise. Um grupo de amiguinhos de um prédio de S. Mamede de Infesta — que se cotizaram sacrificando algumas lambarices — 250\$. Assinante 2979, 10.000\$; mais 15.000\$ de um anónimo com pedido de orações; produto de um trabalho de renda, rendeu 3.500\$00; assinante 2128, 2.000\$00, mais 5.000\$00 de uma Isabel que gostava muito de ter filhos; outro tanto de um anónimo do Porto para que não falte o suficien-

te aos nossos «Batatinhas»; Irmã Camila, 500\$00. Outro anónimo com um aumento de ordenado, 3.000\$00. Migalha do costume, de M. L., 2.000\$; Seminário da Diocese de Santarém, 13.000\$ e mais cinco mil de uma «Mãe agradecida». Assinante 25285 «para o que for mais necessário», cinco notas de mil; pela mão do pároco de Arcos de Valdevez, 3.000\$00. Donativo amoroso de um José que, embora cego, compra sempre o nosso jornal e pede que lho leiam. Um hino de amor cristão! Mãe que pede rezemos pela sua filha, 1.000\$00. Vários cortes de tecido da Covilhã, em sufrágio de três irmãos. Uma Celita, 4.000\$00. Assinante 18652, cinco mil; e outro tanto do assinante 17409. Outro leitor do «Famoso», assinante 14481, 5.000\$00. Auracark, três mil. O mesmo da assinante 11575. No Espelho da Moda, muitos e muitos contributos. No Lar do Porto, também. Aguda, 2.000\$00 todos os meses. Última vontade de um Carlos: 26.000\$00. «Para que o Espírito que animou a Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes continui a iluminar essa Casa — a minha partilha com muito amor, 5.000\$» Montreal, 100 dólares. Sufragando a alma do querido marido, 2.000\$00; uma Cinfanense, 1.000\$00; outro tanto de pessoa muito amiga do Porto. E mais nove notas de mil da mesma cidade.

Fernando Dias

DOCTRINA

■ Homens de grande elegância moral e de consciência mui delicada; severos para consigo mesmo e de extrema amabilidade para com os mais, a quem Deus nunca quis dar o deslumbramento da fortuna para os conservar na abnegação do pão-nosso-de-cada-dia — dão muito mais do que as suas posses e dizem com toda a simplicidade: «Aí vai um cheque para os seus Pobres e sinto que devia dar mais». Naquele sentir vai a verdadeira riqueza dos verdadeiros homens, porquanto à riqueza dos dinheiros chama o Evangelho, engano. Quantos, Senhor, não têm visto esse engano à luz clara da Eternidade!

■ Estes cheques de todas as semanas não remediavam a situação angustiosa... Na verdade já era tempo de eu ter a vida em dia e de passar nas ruas da Baixa de cara alevantada, como sói fazer toda a gente de bem. Mas não. Apesar das ofertas de todos os dias e até por causa delas, eu devo os olhos da cara. Sem família nem encargos de maior, tenho a vida ensarilhada na casa dos mercadores, como gente que se não sabe governar. Dá pena! É mal do coração que faz perder os sentidos em casa dos Pobres; e nesses sentidos que perco, fico sem o da economia. Os donativos que me dão atacam o fogo, levantam chamas, queimam tudo e deixam-me a pedir mais.

■ Eu quero que o dizer desta... seja um vibrar de corações, qual corda de piano nas salas de família; tocada uma delas, todas gemem por simpatia, silenciosamente, harmoniosamente, as mesmas notas de alegria e de tristeza... Que este é o privilégio do falar do coração: encontrar, eco nos corações! E, como são sem conta os interessados nestas regras de amor, para todos eles... vai todo o meu desejo de muita confiança, certeza — Vida. Não fixar jamais os olhos, estrelas abaixo, que não é horizonte adequado às vistas de ninguém e topamos sempre a mesma coisa — nada!

■ Não! Nós aspiramos à Eternidade. «Vimos a estrela», disseram os Magos no seu entusiasmo fervoroso. Chegaram ao fim da jornada, venceram todos os perigos e, no final, «com grande alegria», acharam Quem procuravam. Assim nós.

O. Amén. 5!

N. R. — Já que o mês de Julho é a muitos títulos carregado de factos transcendententes na vida da Obra da Rua, não deixa de ser oportuno assinalar o 29.º aniversário da fundação da Casa do Gaiato de Setúbal pela pena inconfundível de Pai Américo, cujas notas revelam sempre doutrina actualíssima! Aqui está:

Em 1 de Julho de 1955 procedemos à inauguração da Casa do Gaiato de Setúbal que só tem o inconveniente de ficar a uns oito quilómetros da cidade, mas no mais é qualificada. O edifício propriamente dito, de grandes linhas e boas divisões, poderia facilmente conter duzentos rapazes se a nossa experiência não nos tivesse já ensinado que mais de cem na mesma Casa é um erro. Além do edifício temos uns dezasseis hectares de cultura de arroz e um bocadinho de mata e todos os anexos que dizem respeito e são precisos a uma Obra da natureza da nossa.

(...) Lisboa, Porto e Coimbra fornecem um rapaz de cada Casa para dar começo à fundação. São as chocas dos que vão aparecendo. E, desta forma, começando por mui poucos, podemos chegar ao fim do ano com uma população de quarenta deles. Prometemos dar uma grande preferência ao Albergue Distrital da Polícia e vamos cumprir. Não podemos dizer que seremos exactos; mas que temos uma grande vontade de acertar, isso sim.

A força do convite que nos foi feito, por ter vindo de tão alto, deu-nos coragem de acei-

REFLECTINDO

Quis Pai Américo que o centro da nossa Aldeia fosse a Capela. É quando estamos todos juntos à roda do Altar que a nossa Comunidade atinge a sua verdadeira expressão de unidade. Ao longo do ano vamos celebrando as diversas Festas que a Liturgia nos aponta, recordando os passos fundamentais da História da Salvação.

Escrevo hoje, pouco tempo depois do Dia do Corpo de Deus que foi, na nossa Casa de Paço de Sousa, um dia grande... por diversas razões.

Juntámo-nos todos na Capela às 9,30h, donde saímos em Processão pelas ruas da nossa quinta. É ao longo destas ruas que a nossa vida se desenrola, que os rapazes crescem, sentindo o doer próprio de quem cresce, os sonhos que nascem e se desvanecem em todos aqueles que vivem. Este caminhar de toda a Comunidade, acompanhada do Corpo de Deus pelos lugares a que está tão ligado o pulsar da nossa vida, retrata ao mesmo tempo a simplicidade e a extraordinária Força da Vida que estão implícitas nesta Família, que apesar de todos os seus altos e baixos, é essencialmente nascida em

CASA DO GAIATO DE SETÚBAL

tar o encargo. Primeiramente é o falecido senhor Arcebispo de Évora (D. Manuel Mendes da Conceição Santos) que aceita a vocação de um sacerdote, o desliga dos serviços da sua diocese e faz entrega dele à Obra da Rua. Em segundo lugar, temos o Governo Civil, a Câmara e a Polícia que se deram as mãos sem discrepância e resolveram as dificuldades. E, finalmente, temos o Terreiro do Paço. Isto é o maior elogio que se pode fazer aos métodos e ao sistema de uma Obra. Isto significa a condenação implícita do Asilo.

Cada vez é maior o número de estudiosos que vêm da América e da Europa até nós. A semana passada foi um sacerdote do Canadá e outro da Bélgica. Sabem da existência da Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa. Trazem recado superior para observar. Alguns tem havido que se apresentam acompanhados de altos funcionários do Governo. São homens dados a Obras do rapaz abandonado em suas províncias. Dizem-nos aqui da semelhança dos sistemas. Temos ouvido declarar, humildemente, a superioridade do que vêm; humildade e verdade são palavras iguais. Além destes que se apresentam, outros que não podem vir, mandam questionários e pedem relatórios. Em tudo se vê a quinta, o aglomerado de casas distintas, a soberania do rapaz, as papas de



Um recanto da nossa Casa do Gaiato de Setúbal

milho, o leite a correr, a ausência de adultos, a falta de secretaria numa Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Isto também é a condenação implícita do Asilo.

Aqui há tempos pedi licença ao porteiro e entrei em determinado Asilo de uma cidade. Começo a ver. Enquanto não souberam quem eu era, tudo ia muito bem; mas apenas se descobriu, não me permitiram

mais um passo; o senhor Director, com as desculpas do estilo, acompanhou-me até à porta! Em uma outra cidade entrei e fui mais feliz. Só à despedida é que disse quem era. Pois bem; além de muitas ordens de serviço existentes no estabelecimento, naquela hora fez-se mais uma: «Não se deixa entrar ninguém sem ordem expressa da Direcção». E aqui temos mais uma condenação!

Resumindo: A Autoridade apelou para nós e não foi buscar a clássica Mesa para reger o educando de Setúbal. Os curiosos estrangeiros que procuram fazer mais e melhor ao Desajustado das suas terras, chegam a Portugal e procuram-nos. Mais: Se tivéssemos estatística, contaríamos por milhares, milhares e milhares o número de visitantes; e não há canto nenhum que não esteja aberto e aonde eles não possam meter o nariz. Mais ainda: Somos a Obra que menos custa ao tesouro da Nação. Obra de onde têm saído os rapazes mais afortunados. E, finalmente, aquela que o povo mais ama. Esta é a última e a mais importante das condenações.

Só o peso de situações criadas e interesses particulares são capazes de continuar a obra dos Emparedados.

O. Amén. 5!

(in OBRA DA RUA)

Padre Abel



Director: Padre Telmo. Chefe de Redacção: Padre Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Tel. 92289
Circulosa é impressa nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Depósito Legal: n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Junho: 52.840 exemplares — sem sobras.